

Das chapas ao mercado de filmes

Márcio Rodrigo

Desde que o Instituto Moreira Salles (IMS) adquiriu de Gilberto Ferrez, em 1998, o acervo de Marc Ferrez - um dos mais importantes fotógrafos brasileiros entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, o público brasileiro teve novas oportunidades de ter contato com imagens de um Brasil em pleno processo de transformação.

De família francesa ligada à fotografia desde seus primórdios, Marc Ferrez fez dos tipos humanos de seu Rio de Janeiro natal, da "Paris Tropical" que fervilhava nas ruas da então capital do País, um dos maiores focos de sua câmera. O que pouco se discute para não dizer que praticamente se desconhece é a importância capital de Ferrez e seus descendentes também para a atividade cinematográfica no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Uma "hiato histórico" que agora é parcialmente preenchido com a exposição "Família Ferrez: Novas Revelações", que após atrair mais de 80 mil pessoas no CCBB do Rio, abre suas portas hoje (16) no Museu de Artes e Ofícios (MAO), em Belo Horizonte.

"Entre 1908 e 1911, o Rio conheceu a idade do ouro do cinema brasileiro", escreve Paulo Emílio Sales Gomes, no texto "Pequeno Cinema Antigo", de 1969. Embora, com toda razão, Jean-Claude Bernardet, pesquisador e professor da USP, observe que "esta idade de ouro não é brasileira, mas carioca, tanto pela produção, quanto pela exibição", o fato é que a capital federal, exatamente por sua importância como referência cultural para o resto do País naquele período, era o centro irradiador de tendências para o cinema produzido e exibido no Brasil.

É neste cenário que Ferrez funda, em parceria com seus filhos, Luciano e Júlio, a Casa Marc Ferrez & Filhos, uma empresa dedicada não só à fotografia, mas ao cinema. "Seguindo a trilha aberta pelo pioneiro Paschoal Segretto (primeiro homem a filmar no Brasil, em 1898), alguns dos novos empresários cinematográficos procuraram se dedicar simultaneamente à importação, exibição e produção de filmes brasileiros", explica Sales Gomes.

"Muito interessante, em Marc Ferrez, é sua disposição para experimentar todas as técnicas. Ele as comercializa, mas também as pratica, escreve o intelectual francês Laurent Gervereau em "Da Foto ao Filme", artigo publicado no catálogo "O Brasil de Marc Ferrez", editado pelo IMS. O texto do diretor do Museu do Cinema Henri Langlois, contudo, nem de longe dá conta da complexidade e importância de Ferrez e seus filhos para o cinema brasileiro.

O fato hoje inegável é que os Ferrez, além da vocação artística inegável, demonstraram ter um tremendo senso de oportunidade para os negócios na área cinematográfica. Até 1907, o Rio era uma cidade em que a exibição era realizada basicamente a céu aberto por mascates e seus projetores movidos a querosene ou em salas improvisadas que devido à precariedade de suas estruturas de exibição eram batizadas de "poeiras".

"A regularização da distribuição de energia elétrica para o Rio de Janeiro em 1907 dá novos contornos ao cinema carioca", diz Roberto Moura, em "História do Cinema Brasileiro", obra editada em 1987 e hoje esgotada nas livrarias.

A resposta do público é imediata: no segundo semestre de 1907 surgem nada mais que 25 salas de cinema em torno da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), principal marco da modernização urbanística da cidade, deflagrada pelo prefeito Pereira Passos. "Muitos desses donos de salas passam a produzir filmes, provocando a aparição de uma geração de técnicos estrangeiros de formação ou improvisados e também nacionais, vindos da fotografia de estúdio ou do jornal", escreve Moura.

Mais do que simplesmente fomentar a produção, contudo, o novo "surto" propiciou por aqui o surgimento dos filmes de ficção. "Todas as filmagens brasileiras realizadas até 1907 limitavam-se a assuntos naturais. A ficção cinematográfica, ou melhor a 'fita de enredo', o 'filme posado', como se dizia então, só apareceu com o surto de 1908", afirma Sales Gomes em seu "Panorama do Cinema Brasileiro: 1896/1966".

O intelectual, todavia, não consegue determinar com exatidão qual teria sido de fato nosso primeiro filme de ficção: "Os Estranguladores", de Francisco Marzullo, ou "Nhô Anastácio Chegou de Viagem" (ver box abaixo), produzido por Marc e dirigido por Júlio Ferrez. É em parceria com os filhos também que ele conseguiu a representação no Brasil da francesa Pathé Frères, então a maior empresa cinematográfica em operação no mundo. "Pathé impera então no comércio mundial do cinema, não apenas sob o ângulo da difusão de filmes, mas também sob o aspecto da venda de materiais", escreve Gervereau.

Por sua vez, frisando que pouco se sabe sobre a atuação dos Ferrez no mercado cinematográfico, o pesquisador José Inácio de Melo Souza em seu livro "Imagens do Passado - São Paulo e Rio de Janeiro nos Primórdios do Cinema", afirma que "a empresa Marc Ferrez & Filhos esteve no centro do processo de importação, distribuição dos filmes Pathé entre 1905 e 1911", período que coincidiria com a "era de ouro" indicada por Paulo Emílio Sales Gomes.

"Marc Ferrez teria começado a vender projetores e lanternas mágicas na casa de importação de produtos ópticos e fotográficos, a Casa Marc Ferrez, n 112 da Rua São José, por volta de 1902. Seu filho, Júlio, teria conseguido com Charles Pathé os direitos de importação da marca para o mercado exibidor brasileiro. Por esta porta, eles entraram no mercado exibidor", elucida Melo Souza. De fato, Júlio conheceu o todo poderoso Charles Pathé, fundador da companhia, em viagem a Paris em 1904. Um encontro, hoje se sabe, determinante para a consolidação do contrato de representação no Brasil.

Enquanto acerta com a Comissão Construtora da Avenida Central, em janeiro de 1907, a publicação das fotos de "O Álbum da Avenida Central", os Ferrez travam sociedade com o exibidor Arnaldo Gomes de Souza e arrendam os prédios de números 145 e 149 da avenida para ali instalar o Cine Pathé, a terceira sala de cinema fixa do "moderno" e urbanizado Rio, depois da construção do Chic e do Parisiense.

O acordo assinado com a Pathé Frères, porém, proibia que os Ferrez abrissem salas de cinema, já que a própria empresa francesa pretendia fazer isso no Brasil e assim dominar o mercado. Daí a necessidade de associação com Gomes de Souza. O pequeno "desvio", denunciado a Charles Pathé pela concorrência não impediu, contudo, que os filmes da Pathé dominassem as salas exibidoras nacionais, atingindo 406 títulos lançados em 1908, e 353 em 1909 e que os Ferrez continuassem representando a empresa francesa no Brasil.

Entre 1910 e 1912 as produções da Pathé Frères representaram, em média, 40% do mercado exibidor brasileiro, provando que a "idade de ouro do cinema brasileiro", tão aclamada por Sales Gomes, era muito mais um ufanismo do intelectual do que uma realidade do mercado. Inegavelmente, não só os Ferrez, mas outros comerciantes que se dedicavam simultaneamente à produção e exibição, realizaram um número considerável de filmes, mas o produto nacional nunca chegou a dominar nosso próprio mercado.

Em 1912, visando expandir as atividades da Companhia Cinematográfica Brasileira (CCB) para o Rio, o distribuidor paulista Francisco Serrador decide adquirir empresas exibidoras cariocas, entre elas o Avenida e o Odeon. "O coração da operação da compra, no entanto, estava na aquisição da Marc Ferrez & Filhos por 750 contos. De representante para São Paulo e Paraná, a CCB passava a controlar os produtos Pathé Frères", esclarece Melo Souza.

Com a Primeira Guerra Mundial na Europa e a conseqüente ascensão do cinema americano, a hegemonia cultural francesa no mundo estaria definitivamente encerrada, inclusive na produção de filmes. A família Ferrez, no entanto, seguiu ligada tanto ao mundo da fotografia, quanto ao do cinema. Júlio e Luciano restabeleceram a Marc Ferrez & Filhos em 1915. Em 1917, recompram os direitos da representação da Pathé no Brasil da CCB. Descendentes como Gilberto Ferrez, filho de Júlio, seguiriam lidando com cinema até o final dos anos 80 num verdadeiro épico cinematográfico.

Leia mais:

Um século de risos e lágrimas de esquecimento

Em 20 de junho de 1908, por ocasião do lançamento do filme "Nhô Anastácio Chegou de Viagem", dirigido por Júlio Ferrez e produzida por Marc Ferrez, o crítico Figueiredo Pimentel escreveu na carioca Gazeta de Notícias: "É a primeira vez que se fazem (sic) entre nós fitas desse gênero". Exatamente um século após o lançamento, nenhum fotograma do filme ou ao menos uma fotografia restou daquela que é considerada a primeira comédia feita no Brasil. "Muito antes de o carnaval falar, nhô Anastácio veio passear no Rio de Janeiro. O carnaval começou a falar em 1933 e o caipira personificado pelo ator-cantor circense José Gonçalves Leonardo desceu na estação Central do Brasil em 1908", escreve Sérgio Augusto em seu livro "Este Mundo é um Pandeiro". O jornalista localiza no filme da família Ferrez o precursor não apenas das chanchadas, mas de personagens satíricas que marcariam o cinema brasileiro no século XX, como Amâncio Mazzaropi.

Com título emprestado da cançoneta gravada pelo cantor Baiano para a Casa Edison, o "filme posado", como se batizaram originalmente nossos primeiros filmes de ficção, provavelmente foi realizado para ser exibido na exposição do I Centenário da Abertura dos Portos, conforme observa o crítico musical José Ramos Tinhorão em "Música Popular: Teatro & Cinema", de 1972. A trama, a exemplo de muitas chanchadas e do inesquecível Jeca vivido tantas vezes por Mazzaropi, conta a história de um matuto que desembarca no Rio e depois de admirar locais como a Avenida Central, o palácio Monroe e o Passeio Público - lugares "coincidentalmente" fotografados pelos Ferrez apaixona-se por uma cantora. Com a chegada da esposa segue-se uma série de confusões até o desfecho feliz e, claro, algo moralista.

"Nhô Anastácio Chegou de Viagem" esta entre "os primeiros posados que aproveitam o surto do cinema carioca e antecipam uma das marcas da cidade, ao retratar com humor e sarcasmo seus aspectos sensíveis e polêmicos", observa Roberto Moura em "História do Cinema Brasileiro". Uma pena que, como praticamente todos os filmes produzidos naquele período, não tenha sobrado nenhum vestígio de nossa primeira comédia para contar de maneira mais detalhada esta história.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 16, 17 e 18 maio 2008, Caderno Fim de Semana, p. D8